



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA DO *CAMPUS* ITABAIANA

IVANILDO DOS SANTOS

**ASPECTOS CULTURAIS E ESCOLARES: UM OLHAR
INTRODUTÓRIO SOBRE A COMUNIDADE LIMOEIRO**

Itabaiana/SE

2018

IVANILDO DOS SANTOS

**ASPECTOS CULTURAIS E ESCOLARES: UM OLHAR
INTRODUTÓRIO SOBRE A COMUNIDADE LIMOEIRO**

Monografia apresentada ao
Departamento de Química do *Campus*
Itabaiana como um dos requisitos para
obtenção do título de licenciado(a) em
Química.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Edinéia Tavares
Lopes.

Co-orientadora: Prof^a Msc. Maria Camila
Lima Brito de Jesus

Itabaiana/SE

2018

IVANILDO DOS SANTOS

**ASPECTOS CULTURAIS E ESCOLARES: UM OLHAR
INTRODUTÓRIO SOBRE A COMUNIDADE LIMOEIRO**

Monografia de graduação apresentada ao Departamento de Química do *Campus* Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, como um dos requisitos para a obtenção do título de licenciado (a) em Química.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr^o. Marcelo Leite dos Santos
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Msc. Leandro dos Santos
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dra. Edinéia Tavares Lopes
Universidade Federal de Sergipe

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha família, meu pai Bastião, meus irmãos, Ismael e Israel, minhas cunhadas, sobrinhos, e tias e avó que de certa forma me apoiou para que tudo desse certo nessa jornada. Em memória a minha riqueza maior Marlene Teixeira “Lena” te amo.

AGRADECIMENTOS

Na vida podemos até imaginar o que vai acontecer, mas não de forma concreta. Muitos altos e baixos e no primeiro tropeço pensamos em desistir. A cada passo uma semente de aprendizado é plantada. A cada sonho uma esperança o que nos mantém firme que a vitória está próxima.

Nada é mais gratificante que agradecer. Primeiramente a Deus por sempre está ao meu lado em todos os momentos de vida dando força nos momentos de fraqueza. Agradeço aos meu pai Bastião e em memória minha mãe Lena que de onde estiver está torcendo por esse momento, te amo.

A meus irmãos Israel e Ismael pelo apoio, psicológico e financeiro, vocês são demais, muito grato por isso.

À minha orientadora, Prof.^a. Dr.^a. Edinéia Tavares Lopes, minha eterna gratidão pelos ensinamentos confiança e contribuições ao meu desenvolvimento profissional e por ter encarado junto comigo a proposta dessa pesquisa. Foi um grande desafio, mas valeu a pena!

Ao Prof^o. Dr^o. Marcelo Leite Santos, pelos ensinamentos adquiridos enquanto orientando do PIBID, professor de disciplinas, amigo, irmão, conselheiro e vários outros adjetivos. Meus sinceros agradecimentos.

A meus amigos do grupo de PIBID “manipueira” Jaqueline Mendonça, Grasielle Mendonça e Daíne Andrade, pelos nossos momentos de aprendizado que passamos juntos na construção da oficina, trabalhos científicos, pesquisas e muitas outras coisas foram mais de uma ano e meio em “relacionamento sério”.

À Dênisson Oliveira, Lucas Santos, Amanda Paixão, Deisiane Santos, Gilvânia Tavares, Fernanda Costa, Jessica Araújo, Paula Brito, Thayná Souza, Elisson Lima, Taciane Mendonça eternos amigos que a UFS me presenteou, agradeço imensamente pela amizade verdadeira, pelos conselhos e companheirismo, sem deixar de falar que muitas das vezes eram meus psicólogos quando mais precisei. As dificuldades que surgiram durante o curso nos levaram a acreditar que cada tropeço precisamos erguer a cabeça e nos levantar. Juntos vencemos!

Agradeço também as professoras Tatiana Andrade e Carla Oliveira, Edirani Santos e Rosimeire Batista por contribuírem com o meu aprendizado, depositando sua confiança, levarei pra sempre em meu coração.

Aos familiares, aqueles que acreditaram em mim, sou grato pelo incentivo e torcida por cada conquista alcançada.

Aos meus amigos Maria França, Vanderson Góis, Sara Rodrigues, Bruna Andrielli, Caroline Lima, Juliane Alves, Gisele Santos, Andreza Meneses, Douglas Oliver, Fabrício Andrade e Michel Gonçalves que a vida me deu de presente e eu levarei para sempre em meu coração, contem sempre comigo.

Agradeço as energias positivas depositadas durante a coleta das amostras em especial a Paróquia Nossa Senhora da Boa Hora e São Roque, aos moradores do povoado Limoeiro meu muito obrigado, me ajudaram bastante.

À Secretaria Municipal de Educação, por conceder as informações e documentos sobre a escola.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente.

“A tempestade vai passar

Por sobre as ondas

Confiante andarei

Tribulações vencerei

E as aflições superarei”.

(Pe. Reginaldo Manzotti)

RESUMO

Este trabalho é fruto de questionamentos e inquietações provenientes da origem do autor, como morador e estudante em uma comunidade negra localizada em um povoado no município de Campo do Brito, estado de Sergipe. O presente texto tem como objetivos estudar a origem da comunidade Limoeiro, caracterizar o principal aspecto de sua cultura, conforme seus moradores apontam e conhecer a origem de seu processo de escolarização. A investigação foi realizada na comunidade do Povoado Limoeiro, localizada no município de Campo do Brito, estado de Sergipe. A pesquisa é de caráter qualitativo, no qual utilizamos as técnicas de coletas análise documental e entrevistas, realizada no cartório no município e na Igreja Matriz, analisamos “batistérios”. Já na Secretaria Municipal de Educação do município de Campo do Brito-SE, foi analisado o Projeto Político Pedagógico (PPP) e regimento escolar. As entrevistas foram realizadas com moradores que residiam há mais de setenta anos na comunidade. Nesse pensamento, defendemos que compreender a origem dessa comunidade, sua cultura e seu processo de introdução da primeira escola pode ajudar a entender a identidade e história da comunidade. Dessa forma, pode se contribuir para a melhoria do ensino de Ciências e Química de forma contextualizada, através de aspecto local, como a construção das moradias.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Comunidade, Escola.

ABSTRACT

This work is the result of questions and concerns from the origin of the author, as a resident and student in a nigger community located in a village in the municipality of Campo do Brito, state of Sergipe. The present text aims to study the origin of the Limoeiro Community, characterize the main aspect of their culture, as their residents point out and know the origin of their schooling process. The research will be carried out in the community of Povoado Limoeiro, located in the municipality of Campo do Brito, state of Sergipe. The research is qualitative, in which we use the techniques of collection documentary analysis and interviews, held in the notary's office in the municipality and in the Mother Church, we analyzed "baptistery". In the Municipal Department of Education of the municipality of Campo do Brito-SE, the Political Educational Project (PPP) and school regiment were analyzed. The interviews were conducted with residents who had resided for over seventy years in the community. In this thought, we argue that understanding the origin of this community, its culture and its process of introducing the first school can help to understand the identity and history of the community. In this way it can contribute to the improvement of the teaching of Sciences and Chemistry in a contextualized way, through a local aspect such as the construction of the dwellings.

KEYWORDS: Culture, Community, School

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Localização da cidade de Campo do Brito.....	14
Figura 02 – Local de coletas de dados	25
Figura 03 – Articulação das três técnicas usadas para coleta de dados.....	28
Figura 04 – Modelo de casa construída e utilizada por moradores	31
Figura 05 – Fonte construída pelos moradores	31
Figura 06 – Santos que comportavam o altar.....	33
Figura 07 – Estações que simbolizavam a trajetória de Jesus da condenação a crucificação.....	33
Figura 08 – Organização das imagens representadas por “Santos”	34
Figura 09 – Ornamentação dos andores para seguir em procissão.....	35
Figura 10 - Ressurreição de Jesus Cristo.....	36
Figura 11 – Festejo em comemoração à São José.....	37
Figura 12 – Modelo de moradia construída no povoado.....	40
Figura 13 – Abastecimento e descarte.....	41
Figura 14 – Arrumação e adaptação da escola.....	42
Figura 15 – Igreja na atualidade.....	42
Figura 16 – Arrumação do altar	43
Figura 17 – Realização da procissão.....	43
Figura 18 – Construção da igreja evangélica.....	44
Figura 19 – Única escola do povoado.....	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde

CERJS - Colégio Estadual Roque José de Souza

EAD - Educação a Distância

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

UFS - Universidade Federal de Sergipe

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

APLAS - Arranjo Produtivo Local do Agreste Sergipano

M- Masculino

F- Feminino

EMJA- Escola Municipal Josefa Andrade

ERER- Educação das Relações Étnicas Raciais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1. O que dizem alguns autores sobre cultura.....	17
1.2. História e cultura afro-brasileira na educação básica e na educação em ciências: reflexões acerca dos documentos oficiais/legais.....	19
CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DO ESTUDO	23
2.1 – A abordagem metodológica	23
2.2 – As técnicas de coleta de dados: locais e sujeitos.....	23
2.2.1-Análise documental.....	24
2.2.2-Entrevista.....	25
2.2.3- Observação.....	27
CAPÍTULO 3: RESULTADO E DISCUSSÃO	29
3.1- Povoado Limoeiro: buscando historicizar seu passado.....	29
3.2- Alguns aspectos históricos	30
3.2.1 – Moradias.....	30
3.2.2 – Religião	32
3.2.2.1 – Quaresma.....	32
3.2.2.2 – Festa de São José.....	36
3.2.3 – Escolarização.....	37
3.3 – Povoado Limoeiro nos dias atuais	39
3.3.1 – Moradia.....	39
3.3.2 – Religião	41
3.3.3 – Escolarização.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICES.....	50

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentarei¹ como ocorreu à escolha da problemática deste trabalho de conclusão de curso.

Sou residente desde o nascimento² do povoado Gameleira pertencente à cidade de Campo do Brito, município do Agreste Sergipano, o qual contém aproximadamente 813 habitantes, segundo informações da Atenção Básica³. Meu pai nasceu na cidade de Herculândia no estado de São Paulo, e aos sete anos aproximadamente, mudou-se para Sergipe (SE), especificamente para a cidade de Campo do Brito, povoado Limoeiro. Por sua vez, minha mãe nasceu no Hospital e Maternidade São José⁴ e residiu no povoado Limoeiro até sua adolescência. Após o casamento, mudou-se para o povoado Gameleira no município de Campo do Brito. Na Figura 1 mostramos a localização desse município, no estado de Sergipe.



Figura 1: localização da cidade de Campo do Brito

Fonte: wikipedia Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_do_Brito#/media/File:Sergipe_Municip_CampoDoBrito.svg>
 acesso em: 9.08.2012 – 19:45

Estudei até a 4ª série, hoje denominado 5º ano, em um colégio próximo à casa onde moro com minha família. Ao concluir a 4ª série, para dar continuidade aos meus estudos,

¹ Optei neste tópico utilizar descrição em primeira pessoa do singular por se tratar de experiências pessoais. Essa escolha se baseia em Charlot (2005), o qual afirma que o eu epistêmico é uma condição da situação didática que promove um conforto com objetos do sujeito do saber.

² Como no município de Campo do Brito, Sergipe, não tem maternidade, a prática comum é que os moradores se deslocem, quando ao nascimento dos filhos, para o município mais próximo que oferta esse atendimento. Desse modo, nasci no Hospital e Maternidade São José localizado no município de Itabaiana, Sergipe.

³ Atenção Básica é um núcleo da Secretaria Municipal de Saúde de Campo do Brito, dados obtidos pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS) no ano de 2017, responsáveis por apresentarem informações da comunidade.

⁴ Localizada no município de Itabaiana

fui matriculado na Escola Municipal Padre Freire de Menezes localizada na zona urbana do município de Campo do Brito.

A escola supracitada só oferta até o Ensino Fundamental Maior. Assim, para cursar o 2º Grau, atualmente denominado Ensino Médio, fui matriculado no Colégio Estadual Roque José de Souza- CERJS, também localizado na área urbana do município de Campo do Brito. Algumas atividades desenvolvidas neste colégio despertaram meu interesse em entrar para um curso superior.

Devido às condições financeiras, estudei em escolas públicas. Além disso, trabalhei na lavoura com a plantação de mandioca, feijão e milho para ajudar na renda familiar realizada em horários contrários aos das aulas.

No ano de 2011, prestei vestibular para Licenciatura em Química, na modalidade de Educação a Distância (EAD), no polo de São Domingos SE, no qual cursei aproximadamente 01 (um) ano das aulas.

No ano seguinte realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A pontuação permitia acesso em cursos como: Geografia, Biologia e Administração. Entretanto, optei por Química Licenciatura pelo fato de ser um curso com amplo campo de trabalho como professor.

No ano de 2013, ingressei na Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho na cidade de Itabaiana (UFS/Ita) no curso de Licenciatura Plena em Química. No segundo ano de curso participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica– PIBIC, com orientação do Professor Edson José Wartha, desenvolvendo estudos de cunho exploratório, que buscou identificar aproximações e distanciamentos entre ideias do senso comum e do conhecimento científico, relacionado a dois eixos temáticos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para o Ensino de Ciências no Ensino Fundamental, os eixos foram Tecnologia e Sociedade e Terra e Universo.

Em 2015, iniciei atividades no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, com orientação do professor Marcelo Leite dos Santos, trabalhando na elaboração de oficinas com temática baseada na produção de farinha de Mandioca: Um importante Arranjo Produtivo Local do Agreste Sergipano - APLAS.

A partir da participação nesses programas tive os primeiros contatos com a pesquisa na área de Ensino e todas as experiências obtidas reafirmaram meu desejo pela docência e interesse em pesquisar a minha comunidade. Além da importância de investigar a origem da comunidade, por ser uma região com a maioria povos negros, busco

compreender a relação da comunidade com a Escola Municipal Josefa Andrade (EMJA), situado no povoado Limoeiro, em Campo do Brito. Assim, escolhi estudar a origem da minha comunidade e o seu processo educacional ofertado.

Nesse sentido, busquei orientação da professora especialista na temática, que demonstrou interesse sobre a pesquisa. Assim, tivemos um primeiro diálogo sobre os desafios e a necessidade de se ter docentes capacitados nas comunidades em estudo. Nesse momento, iniciamos as orientações a partir da disciplina Pesquisa em Ensino de Química I.

Dito isso, cabe informar que o presente estudo é fruto de questionamentos e inquietações provenientes da convivência familiar, na qual não tinha respostas para perguntas como: Como se deu a povoação dessa localidade? Por que a maioria dos moradores tem parentesco familiar?

Como dito, essas inquietações se intensificaram com a entrada na graduação em Licenciatura Plena em Química na UFS/Ita. Desse modo, somaram-se a esses questionamentos sobre a origem da comunidade, indagações também sobre a origem da escola e a relação da mesma com a comunidade. Então, como questões desta pesquisa, apresentamos: **1) Qual a origem da comunidade? 2) Quando e como a escola foi criada? 3) Como eram as moradias e como são atualmente? 4) Quais o principal aspecto cultural que caracteriza essa comunidade?**

Como objetivos desta monografia temos, estudar a origem da comunidade Limoeiro, caracterizar o principal aspecto de sua cultura, conforme seus moradores apontam e conhecer a origem de seu processo de escolarização.

Desse modo, considero que compreender a origem dessa comunidade, sua cultura e seu processo de introdução da escola pode ajudar a entender melhor a identidade e história dessa comunidade e também a relação que ela tem com sua escola e, em trabalhos posteriores, desenvolver um ensino de Ciências e Química mais comprometido com os estudantes desse povoado. Assim, defendo, consoante com Lopes (2015), que para ensinar Química em qualquer realidade escolar, sobretudo em comunidades do campo, é importante compreender a relação que os estudantes mantêm com a escola e com o conhecimento científico escolar. Contudo, considerando o período de desenvolvimento dessa monografia, limitamos nossa pesquisa na origem da comunidade e da escola.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo discutiremos alguns aportes teóricos que servirão como base para essa investigação, como: o conceito de Cultura elencada por Laraia (1986) e aos moldes de Candau (2006), nossas visões acerca do “eu”, do “outro” e do processo de ensino e aprendizagem, a partir do entendimento da sala de aula como um espaço de encontro de culturas. Além disso, destacamos: 1) Lei nº 10.639/2003, que estabelece, na Educação Básica, a obrigatoriedade da inserção da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”; 2) Lei nº 11.645/2008 que substituiu a Lei nº 10.639/2003, com a implementação da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos currículos oficiais das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; 3) Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; 4) Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais (2006).

1.1- O que dizem alguns autores sobre cultura

Para Laraia (1986) o ser humano é fruto do meio cultural em que foi socializado, ou seja, ele adquire e reflete o conhecimento e as experiências de suas origens (LARAIA, 1986).

De acordo com Brito e Lopes (2014) a cultura condiciona várias formas de o indivíduo ver o mundo, possibilitando diversas opiniões e escolhas ao sujeito (BRITO;LOPES, 2014)

Nessa perspectiva, Laraia (1986) reflete como se opera a cultura. Para o autor qualquer criança pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado. Desta forma, a cultura não possui traços genéticos, mas é influenciado a partir do meio em que se vive. Podemos referir que, a cultura independe de uma transmissão genética. Assim, as tradições familiares, a forma de vestir, de falar, de andar, é adquirido e passado de geração em geração. A Cultura se dá por meio do compartilhamento aprendido e de sua transmissão na convivência humana (LARAIA, 1986).

Laraia (1986) ainda reflete sobre o etnocentrismo presente em algumas tendências, que é o principal fator para diversos conflitos sociais. Os diferentes modos que as pessoas agem devido as diferenças pessoais podem apresentar várias reações entre as pessoas. Assim, o ambiente em que o indivíduo se insere está relacionado à cultura (LARAIA, 1986).

Nessa linha de pensamento, Candau (2006) reflete que é papel da educação ressaltar os meios de diálogo social, com o intuito de trabalhar questões do imaginário coletivo e das representações das identidades sociais e culturais existentes na sociedade.

O papel do professor é como o de um agente cultural e, no momento atual, eles os professores, não podem deixar os temas sociais de lado, possibilitando, desse modo, que as escolas não se distanciem dessas naturezas simbólicas que as crianças e jovens de hoje apresentam em suas mentalidades (BRITO;LOPES, 2014). Nessa perspectiva, Candau (2006) afirma que:

A interação entre os diferentes está muitas vezes marcada por situações de conflito, de negação e exclusão mútuas, que podem chegar a diversas formas de violência. Conceber o/a educador/a como agente cultural supõe afirmar seu papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos (CANDAU, 2006, p. 49)

Candau (2006) defende os estudos que relacionam com a perspectiva do professor enquanto agente cultural, pois a compreensão das relações entre educação e culturas refere-se à concepção da escola como espaço de “cruzamento de culturas”, atravessado por “tensões e conflitos” (JESUS; LOPES, 2017). Assim, surge a necessidade da criação de novos perfis docentes, a partir de processos formativos que atendam a essa demanda educacional.

Nessa perspectiva, refletimos sobre a necessidade de os docentes introduzirem nas escolas discussões sobre os diferentes processos de mudanças culturais existentes na sociedade, com o intuito de trabalhar com jovens os diferentes grupos socioculturais e as reflexões sobre sua identidade.

Dessa forma, Candau (2006, p.43) diz que “junto a esse reconhecimento da própria identidade cultural, outro elemento a ser ressaltado se relaciona às representações que construímos dos outros, daqueles que consideramos diferentes”. Assim, quando conhecemos o “eu” é mais favorável de se aceitar o “outro”, permitindo uma convivência e troca de experiências mais densas entre os sujeitos. No entanto, muitos dos cursos de formação à docência não contemplam essas discussões (BRITO; LOPES, 2017).

1.2- História e cultura afro-brasileira na educação básica e na educação em ciências: reflexões acerca dos documentos oficiais/legais

Destacamos alguns documentos que servirão como base para a discussão desta investigação: 1) Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional; 2) Lei nº 10.639/2003, que estabelece, na Educação Básica, a obrigatoriedade da inserção da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”; 3) Lei nº 11.645/2008 que substituiu a Lei nº 10.639/2003, com a implementação da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos currículos oficiais das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio.

Nesse pensamento, destacamos novas diretrizes de trazer discussões voltadas no campo das políticas de reparações, de reconhecimento e valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. A saber: 1) Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; 2) Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais (2006).

De acordo com a Lei nº 9394/96 no inciso XII do Art.3º, o ensino terá como princípios a “consideração com a diversidade étnico-racial”. Porém, as reformas educacionais e mudanças curriculares realizadas no final da década de 90, após a Lei 9394/1996, ainda não propiciaram mudanças significativas para o alunado negro na educação pública (BRASIL, 2006). Dessa maneira, há muito a ser feito em relação à formação docente e à Educação das Relações Étnicos Raciais (Erer).

Aproximando essas discussões da Educação em Ciências/Química Jesus e Lopes (2017), afirma que Ciências é como uma linguagem construída pelos seres humanos e que tem o intuito de possibilitar a compreensão de aspectos históricos, postura éticas e políticas. Com isso é importante compreender criticamente os contextos da produção, sistematização, socialização e uso de diferentes conhecimentos, de forma a compreender as suas diferentes áreas (JESUS; LOPES, 2017).

Além disso, buscamos compreender quais ações do governo federal foram implementadas no sistema de ensino. De acordo com a Lei 9394/1996, no Art. 9º, é dever da União, dentre outras, “elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios”; “organizar, manter e desenvolver os

órgãos e as instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios”; “prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória”; “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos”.

Nessa perspectiva, o Art. 26-A da Lei nº 9394/96 diz que: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 1996). Esse artigo refere à inserção de discussões relacionados aos aspectos históricos/culturais que caracterizam a formação da sociedade brasileiras, com ênfase no estudo da história e cultura da África e dos africanos. Assim, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 1996).

Diante essa conquista, o desafio agora é inserir a história e cultura africana e afro-brasileira na educação brasileira. A partir da leitura da Lei nº 11.645/2008 que substituiu a Lei nº 10.639/2003, com a implementação da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos currículos oficiais das escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, percebemos a intenção de resgatar as contribuições políticas, sociais e econômicas destes povos para a História do Brasil.

Ao tornarem obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena e ao estabelecerem as diretrizes da Erer, Jesus (2017) discute sobre a mudança da forma de lidar/narrar com a história brasileira, a saber:

[...] mudam a forma de lidar (narrar) com a história de nosso país e propõem posturas e atitudes que valorizem as raízes africanas e indígenas na constituição da nação brasileira; problematizando-as no contexto e nas relações com as demais matrizes culturais brasileiras. Nesse sentido, as práticas e as narrativas propostas têm como desafio a construção de relações étnicas mais positivas e solidárias (JESUS, 2017, p. 48).

Essas leis têm como objetivo reconhecer e valorizar a identidade, história e cultura dos afro-brasileiros na nação brasileira. Além disso, o Art. 2 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas apresenta orientações, princípios e fundamentos para o planejamento e avaliação da Erer.

De acordo com Jesus (2017), para que a educação antirracista se concretize, são necessárias ações individuais e coletivas de movimentos organizados. Assim, nas orientações e ações para a Erer (2006), é destacada a inclusão de debates na Educação Básica que visam ao combate, ao racismo e às discriminações, como também, ao reconhecimento, à valorização e ao respeito das histórias e culturas afro-brasileiras.

No que se refere às ações e orientações da Erer (2006), muitas propostas a serem trabalhadas no Ensino de Ciências são recomendadas através de projetos e atividades educacionais, relacionando experiências e valores da comunidade escolar. Dessa forma, essas propostas têm o intuito de “[...] proporcionar rupturas na visão limitada da Erer, sendo necessário trabalhar projetos, no Ensino de Ciências, que envolvam a valorização da população negra na história e cultura brasileiras.” (JESUS, 2017, p. 81).

Ressaltamos algumas propostas para o desenvolvimento da inserção da Erer no Ensino de Ciências:

- ✓ Reconhecimento de que historicamente o racismo e as desigualdades sociais contribuíram e contribuem para a exclusão de grande parcela da população afrodescendente dos bens construídos socialmente.
- ✓ Compreensão que a cosmovisão africana, reinventada em territórios brasileiros, contribui para o enriquecimento do debate acerca de questões ambientais, tecnológicas, históricas, culturais e éticas em nossa comunidade escolar e social, e cabe ser incluída em qualquer proposta que se pense democrática.
- ✓ Reflexão crítica acerca da postura propositiva e questionadora que todos devemos ter em relação ao enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais como um todo.
- ✓ Valorização do conhecimento de nossos (as) profissionais de educação e a necessidade de articularmos este saber com as demandas que a lei nos apresenta, promovendo a interdisciplinaridade e quiçá a transdisciplinaridade. Percepção que os projetos antirracistas e antidiscriminatórios serão frutos de embates e diálogos.
- ✓ Compromisso relacionado à sensibilização de nossos (as) educandos (as) quanto à questão da historicidade das relações raciais no Brasil, da importância do estudo sobre a África e da necessidade de reconhecer a Cultura Negra e suas diversas manifestações como um patrimônio histórico, ambiental, econômico, político e cultural, levando-os (as) a

perceber que são cidadãos/ãs ativos (as) e que sua postura política interfere na sociedade. [...] (BRASIL, 2006, p. 67)

Esses conteúdos apresentam ações educativas para combater o racismo e as discriminações, bem como à consciência histórica e política da diversidade (BRASIL, 2006).

CAPÍTULO 2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DO ESTUDO

Neste capítulo destacaremos inicialmente, a abordagem metodológica e a caracterização do campo de pesquisa. Em seguida, apresentaremos os sujeitos e os métodos de coletas de dados.

2.1- A abordagem metodológica

Este trabalho tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Assim, classificar a pesquisa é de fundamental importância, a qual dispõe de diversas modalidades (GIL, 2006). Assim, o pesquisador passa a obter mais elementos para decidir as diversas maneiras, com o intuito de buscar soluções dos problemas proposto na investigação.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa tem preocupação de investigar o que os teóricos metodológicos têm trabalhando e publicado a respeito de determinado tema, o qual tanto pode ser negado ou confirmado pela pesquisa, mas que não pode ser ignorado (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Quando solicitado para os discentes desenvolverem uma pesquisa a respeito de uma temática qualquer, o que os mesmos fazem é consultar algum tipo de informação disponível sem sequer atentar-se se a informação é verdadeira ou não, de maneira superficial (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

As pesquisas qualitativas apresentam várias abordagens. Que possam ser classificados de acordo com o interesse do pesquisador. Sendo assim, pesquisas de cunho descritivas tem a finalidade de descrever as características de determinada população, através de documentos que possam ser encontrados ou não (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem características importantes que levam ao contato direto com o estudo proposto. O pensamento deles tem um destaque importante na pesquisa qualitativa descritiva, no qual os dados são coletados para análise de estudo, podem ser apresentados através de transcrições de entrevistas, documentos e outros registros, como fotografias (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

2.2- As técnicas de coleta de dados: locais e sujeitos

Existem várias técnicas de coleta de dados. Essas diferentes técnicas estreitam o caminho a ser percorrido na pesquisa. Neste trabalho fizemos uso das técnicas de análise documental, entrevista e observação.

2.2.1-Análise documental

A análise documental é pouco explorada tanto na área da educação quanto na área de história e nas demais áreas de pesquisas. No entanto, não deixa de ter uma importância na pesquisa. São inclusos nesses tipos de documentos as leis, os regulamentos, as normas, os pareceres, as cartas, o memorando, entre outras formas de documentos (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). As pesquisas que necessitam de informações contidas em registro impresso ou visual são classificadas como documental, que tem como objetivo utilizar dados já existentes. Gil (2016) relata que para desenvolver a pesquisa é necessário encontrar documentos que estejam elaborados com finalidades variadas para que consigam chegar ao objetivo.

Nesse pensamento, para as autoras Lüdke e Menga (2013), a análise documental apresenta uma vantagem adicional que é seu baixo custo. Dessa forma, é necessário ter um investimento de tempo e atenção por parte do pesquisador, para selecionar e analisar os que apresentam uma maior relevância. A análise documental pode complementar ou não as informações obtidas por outras técnicas de coletas. O uso de documentos apresenta em algumas vezes a subjetividade.

Vale ressaltar que existem diversos processos de caracterizações de documentos que são selecionados pelos pesquisadores. Destacaremos três processos: o oficial, que apresenta uma formalidade, exemplo um decreto e um parecer; o técnico, pode ser um relatório, um planejamento ou um livro; por fim, o pessoal, definia como uma carta, um diário e/ou uma autobiografia (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

A escolha dos documentos não é aleatória. Existem alguns propósitos, ideia ou hipóteses norteando a seleção. Para esta investigação analisamos documentos, como batistérios, certidão de nascimento, plano político pedagógico e quantitativo de moradores conforme exposto nos locais apresentado pela Figura 2 e descrito na sequência.

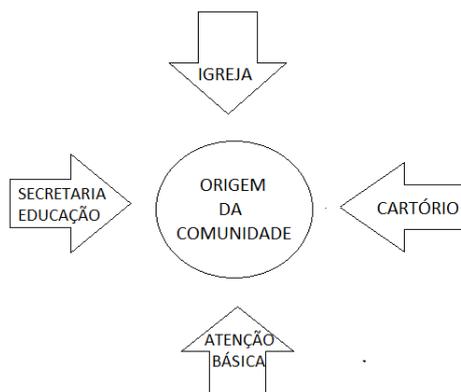


Figura 2- Local de coletas de dados
 Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

Na igreja matriz do município de Campo do Brito/SE, foram coletados os livros de registros de batismo “batistério”, que possuem informações como datas, nomes dos pais, ano de batismo e o local de nascimento.

No Cartório do 1º ofício, localizado no município supracitado, foram coletadas as informações sobre registros de pessoas mais antigas que nasceram na comunidade Limoeiro, povoado de Campo do Brito/SE. Embora o documento não apresentasse o endereço de cada indivíduo, conseguimos realizar um levantamento a partir da população atual, em busca de identificar os primeiros moradores que habitavam na comunidade em estudo.

No setor da Atenção Básica, do Núcleo de Assistência à Saúde, da Secretaria de Saúde de Campo do Brito/SE foram adquiridas as informações através de entrevistas relacionadas ao quantitativo de pessoas que residem no povoado Limoeiro.

Quanto à Secretaria Municipal de Educação foram coletados documentos como o Projeto Político Pedagógico da Escola, planta baixa da escola e regimento escolar.

2.2.2-Entrevista

A entrevista é considerada um dos principais instrumentos básicos de coleta de dados. Nessa perspectiva, essa é uma técnica que boa parte das pesquisas utiliza. Alguns tipos de entrevistas não são utilizados adequadamente por que os entrevistadores forcem indutivamente a resposta (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Nessa perspectiva, a entrevista apresenta duas possibilidades de coletas de dados destacadas como estruturadas e semiestruturadas. A entrevista estruturada é quando o pesquisador segue o roteiro das perguntas, podendo também esclarecer algumas dúvidas

a respeito da pergunta, também chamada de padronizada. E a semiestruturada que não segue roteiro, deixando o entrevistado mais à vontade (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Para coletar dados por meio dessa técnica pode-se fazer o uso de gravadores. Esses instrumentos contribuem para capturar o máximo de informações. Para que o aparelho seja utilizado, é necessário local apropriado e livre de qualquer intercorrência. Nas entrevistas que são registradas apenas com gravadores de voz, há o risco de perder informações que apresentam características importantes, como: expressão facial, gestos do corpo, bem-estar, agitação, contexto entre outras (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Para realização dessa pesquisa utilizaremos entrevista semiestruturada, pois segundo as pesquisadoras Lüdke e André (2013), os entrevistados sentem-se mais à vontade para responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador, com brechas para abordar outros tipos de informações que possa ser relevante nessa pesquisa. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Assim, foram entrevistadas oito pessoas: cinco moradores da comunidade em estudo, um auxiliar de serviços gerais da EMJA, um agente comunitário de saúde (ACS) e um padre de Campo do Brito/SE.

Para seleção dos moradores da comunidade utilizamos alguns critérios como: pessoas que moram há mais de setenta anos na comunidade. Como etapa exploratória, realizamos algumas conversas informais com cinco moradores. Desse modo, a entrevista com o ACS teve como contribuição informar o quantitativo de pessoas residente no povoado. Já o auxiliar de serviços gerais que trabalha há mais de vinte cinco anos na EMJA, relata a importância de trabalhar nessa unidade, por ser localizada no mesmo povoado de sua residência e por apresentar parentesco. E o Pároco do município por apresentar muitas informações adquiridas através de relatos de moradores da localidade.

Os moradores⁵ foram Judite de 82 anos de idade neta da senhora considerada pioneira, Zeta 100 anos, Mariazinha com 86 anos senhora, Joaozinho com 78 anos de Judite e Marieta 81 anos de Judite. Além de morar na localidade mais de setenta anos. Foram indagados da seguinte forma:

a) Quanto tempo reside nesse povoado? b) Já ouviu falar sobre quem foram as pessoas que povoaram? c) como vieram para esse povoado? d) Como faziam para estudar? e) Quem podia estudar nessa escola? f) Seus pais deixavam estudar? g) onde estudavam? h) Quem estudava? i) Quem era a professor? j) Onde ocorreu a formação da professora?

⁵Atribuímos um apelido para os entrevistados, com intuito de preservar sua identidade.

Essas perguntas visam obter informações de que possam contribuir para pesquisa, assim, a entrevista semi estruturada visa não permanecer no roteiro e sequencias de perguntas.

A entrevista com o agente comunitário teve intuito de obter informações relacionadas à estatística das pessoas que residem no povoado. Os dados informados pela ACS vieram do mapeamento que ela mesmo realizou no povoado para Atenção Básica, pergunta foi: Você saberia informar quantos habitantes tem no povoado Limoeiro?

Entrevistamos o atual padre, para obter informações que ele adquiriu através de relatos de pessoas que apresentam grau de parentesco próximo ao responsável, por levarem os escravos para as terras do povoado Limoeiro. Na perspectiva de trabalhar nas terras com plantação de cana-de-açúcar. (Você saberia informar como se deu formação do Povoado Limoeiro?)

Para essa pesquisa analisamos algumas indagações feitas as pessoas relatadas acima como: saberia informar como se deu a formação do povoado; e como faziam para estudar?

2.2.3- Observação

Já as observações foram realizadas em vários dias e ocasiões diferentes com o intuito de coletar informações que confirmem, refutem ou complementem as coletadas nas entrevistas. Para que a atenção não fique somente restrita a um momento, deixando outros que tenham mesmo grau de importância ou mais passem despercebidos.

Para que o instrumento de observação seja confiável, a mesma precisa ser controlada e sistemática. Esses critérios são postos e pensados cuidadosamente de maneira rigorosa pelo observador. Planejar a observação significa direcionar “o que” e “como” observar. A observação direta permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, importante informante nas abordagens qualitativas (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

As anotações dessas observações devem conter pontos que precisam ser esclarecidos, aspectos que parecem confusos, que precisam de uma melhor explanação. Utilizamos nessa pesquisa as ferramentas listadas abaixo para fazer as anotações, como:

- Caderno de campo, essencial para registrar o máximo de informações e ao adicionar no texto, fazer a separação e análise de formas distintas;
- Celular, para registrar alguns momentos através de imagens;
- Gravador de áudio.

Sobre o caderno de campo, alguns podem preferir um papel de tamanho pequeno, para evitar chamar atenção. Outros preferem levar um fichário em pranchetas. Ainda há os que levam materiais que possibilitem anotar todo o tipo de observação para depois ser analisada (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Para registrar as informações necessárias na realização dessa pesquisa, utilizamos um caderno de campo. No qual foi possível descrever as emoções, sentimentos, ideias, associações e fatos que não entram no registro das entrevistas ou no registro da observação (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). A análise de dados qualitativos é um processo criativo que exige grande rigor intelectual e muita dedicação. Não existe uma forma melhor ou mais correta, mas são necessárias sistematização e coerência a respeito do que pretende o estudo (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). A Figura 3 mostra a articulação das três técnicas para coleta de dados utilizada.

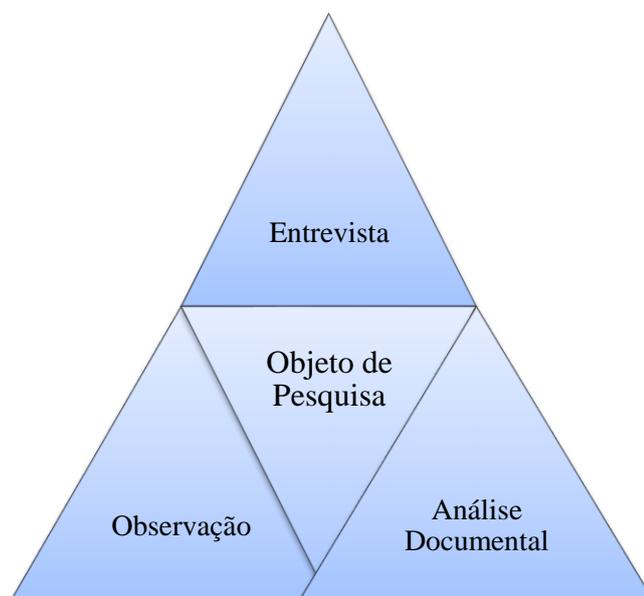


Figura 3– Articulação das três técnicas usadas para a coleta de dados.
Fonte: Elaboração do autor, 11 de agosto de 2018.

A figura 2 mostra as articulações das três técnicas com a finalidade de coletar o máximo de informações necessárias para aumentar o grau de confiabilidade. Desse modo as informações coletadas serão posteriormente analisadas.

CAPÍTULO 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo faremos um levantamento da origem do povoado Limoeiro, destacando as moradias, os costumes, religião e escolarização. Posteriormente, relacionaremos essas origens e escolarização presentes nos primeiros relatos, no ano de 1932, até os dias atuais.

3.1 - Povoado Limoeiro: buscando historicizar sua origem

Segundo relatos da neta dos primeiros moradores do povoado Limoeiro, a senhora Judite, informou que seus avôs foram forçados a vir para essa localidade e trabalhar na grande propriedade de uma família de classe alta que cultivavam cana-de-açúcar. Diante dessa situação, por não apresentarem condições para locomoção, os trabalhadores casaram e residiram no seu próprio trabalho. A partir desse relato que começamos a investigação sobre a origem do povoado que será dividida em seus aspectos históricos antigo e contemporâneo.

Ao iniciarmos a procura do material na igreja, no qual tinha uma grande quantidade de livros que registram o batismo “batistério”, foi possível encontrar registro de batismo de pessoa da comunidade de Limoeiro a partir do ano de 1964. Mas a idade dos entrevistados e o ano de seu nascimento, apontam que a origem seu deu a bem muito tempo antes. Durante a busca dessas informações o padre responsável pela matriz nos informou que em conversa com moradores dessa localidade, adquiriu informações que seria uma comunidade negra, tanto pelo fenótipo quanto também por seu relato de origem estar vinculado a vinda compulsória de três pessoas negras para trabalhar na plantação, principalmente de cana-de-açúcar no povoado Limoeiro, por volta do ano de 1920. “Em conversa com Dona Ana, ela me informou que o bisavô dela trouxe três escravos para trabalhar na plantação que tinha no povoado Limoeiro. Os bisavós dela moravam na gameleira onde hoje é a praça do colégio. Tinham um sítio enorme com mangueira, jaqueira, goiabeira e um monte de outras plantas” (Padre da Matriz).

Nesse pensamento Fonseca (1989), destaca que a grande produção na agricultura, em especial a plantação de mandioca é trabalho manual no qual o produto formado de maneira artesanal. Seus habitantes vivem do plantio da mandioca e da fabricação de

farinha. Que são centros de fabricação artesanal em que se emprega toda a família (FONSECA, 1989).

3.2 – Alguns aspectos históricos

3.2. 1 Moradias

Segundo relatos dos moradores, todas as casas eram construídas com argila “barro”, a qual apresenta uma boa consistência e resistência. Essa argila era retirada de uma parte do terreno do patrão de seus pais. Também eram utilizadas varas⁶ que eram extraídas das matas que ficavam próximas dos terrenos. Já as telhas eram fabricadas com a própria argila da construção e modeladas artesanalmente.

Essas casas eram divididas em dois quartos, cozinha, sala, camarinha⁷ e banheiro. Além disso, no relato de Joaozinho (78 anos), o banheiro era construído na parte externa da casa e “[...] era feito do lado de fora para não deixar a casa fendendo, o vaso era colocado em cima da fossa. Aí o fedor que saia do vaso, deixava a casa toda podre [...]”.

As moradias eram construídas da seguinte forma:

- a) Seleção dos materiais.
- b) Configuração do modelo da casa.
- c) Perfuração de buracos no chão para introdução dos postes nos quatros cantos da casa.
- d) Em seguida modelava as paredes com as varas verdes umas próximas das outras do lado exterior e interior da casa, assim, apresentam maleabilidade na hora de construir as paredes.
- e) A argila colocada para o preenchimento dos espaços que existiam entre as varas.

As telhas eram colocadas em fileiras, ou seja, as côncavas sobre as partes vagas das convexas. A figura 4 ilustra o modelo de casa construída estilizadas pelos primeiros moradores do povoado Limoeiro, existem algumas dessas construções até os dias atuais.

As iluminações das moradias se davam a partir de candeeiros⁸, essas espécies de luminárias eram produzidas por alguns moradores da que residiam no povoado, geralmente era na casa das pessoas que manuseavam ferro e alumínio.

⁶Vara é um ramo delgado de árvore ou arbusto; haste.

⁷ Local designado para guardar materiais que possuíam utilidade contínua, espécie de dispensa.

⁸ Aparelho ou utensílio que, por conter um líquido inflamável e um pavio, pode ser usado para iluminar.



Figura 4- Modelo de casa construído e utilizado pelos moradores
Fonte: Adaptada do Instagram, 25 de agosto de 2018.

O abastecimento de água se dava através do tanque e fonte que era localizado no povoado. Segundo Marieta (81 anos), relatou que o tanque já existia bem antes do seu nascimento no dia 18 de julho de 1937, no ano de 2010 o tanque foi soterrado pelo gestor do município com projetos de construção de uma praça para melhora a qualidade de vida e lazer da população. Já a fonte foi construída por volta de 1920, pelos próprios moradores da localidade para suportar período de seca que era bem frequente na região. A Figura 5 mostra o modelo de fonte⁹ construída pelos moradores.



Figura 5- Fonte construída pelos moradores
Fonte: Autoria própria, 1 de setembro de 2018.

⁹ Reservatório de água construída pela ação do homem ou natural.

3.2.2 - Religião

A partir dos relatos dos cinco moradores entrevistados, foi destacado que a religião Católica apresenta um quantitativo maior que a religião evangélica. Devido aos fortes costumes e crenças relacionados aos milagres ocasionado pela intercessão dos santos à Deus. Além disso, destacaram em seus relatos a Quaresma¹⁰ e a festa de São José.

3.2.2.1- Quaresma

Segundo observações realizadas pelo próprio autor da pesquisa e relatos da senhora Judite, a quaresma tinha um efeito de grande importância para a comunidade. Esse cerimonial durava um período de quarenta dias, iniciando na quarta-feira de Cinzas, em que a comunidade se dedica à penitência que era realizada na sala de sua casa, chamada “casa de devoção”¹¹. A sala era dividida em dois espaços, o altar com várias imagens de santos e um espaço aberto para comportar o maior número de pessoas possíveis.

Para as famílias as imagens não poderiam ser vendidas como se fosse qualquer tipo de material. Ou seja, elas não eram consideradas pelos povos da localidade um bem material. Dessa forma, eram adquiridas trocando com objeto ou até mesmo por dinheiro. O objetivo era dizer que não foi comprada e sim trocada, mesmo sendo por dinheiro. A Figura 6 ilustra como eram organizadas as imagens “santas”, no altar na própria residência. “A finada minha mãe foi na casa de comadre Dinar, que tinha um monte de imagem de santo, aí ela queria mais uma imagem para colocar no seu oratório, aí falou com a comadre dela pra trocar uma imagem com um pouco de farinha” (JUDITE, 82 anos).

¹⁰Quaresma é a designação do período de quarenta dias que antecedem a principal celebração do cristianismo: a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo, que é comemorada no domingo e praticada desde o século IV.

¹¹é conceituada como residência dedicada a adorar Deus.



Figura 6-Santos que comportam o altar
Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

Durante o período de quaresma, a casa de devoção, lotava com pessoas de várias localidades. Geralmente eram realizados Terços¹² nas noites de segunda, quarta, sexta, sábado e domingo. Sendo que, no domingo à tarde realizam via sacra¹³, utilizando 14 pedaços de estaca inseridos no chão em frente à residência com aproximadamente 2 metros de distância uma da outra, para simbolizar a caminhada de Jesus do local de condenação até a crucificação, como mostra na figura 7.



Figura 7- Estações que simbolizavam a trajetória de Jesus da condenação à Crucificação.
Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

A cada momento que deslocava de uma estação a outra era colocada a cruz menor em cima das estacas, enquanto a cruz maior era carregada por uma pessoa do sexo

¹²Terços é uma parte do rosário e é formado por cinquenta Ave Maria, rosário é um objeto de adoração entre os católicos.

¹³Conjunto das orações que se fazem diante dessas estações que representam as principais cenas da Paixão de Cristo; caminho da cruz.

masculino, representando Jesus. “Aqui na nossa comunidade, a leitura de cada estação é feita por uma mulher. E a cruz só pode ser carregada por homens, porque Jesus era homem. Por isso as mulheres não podem carregar” (JUDITE, 82 anos).

Nesse pensamento eles acreditavam que por Jesus Cristo por ser homem não poderia colocar uma mulher para representar a trajetória percorrida, pois assim estava faltando com respeito ao filho de Deus.

Na última semana da Quaresma, conhecida como Semana Santa, os terços aconteciam todos os dias iniciando às 18h 30 min e finalizando por volta das 20h 00 min e “[...] santos são todos virados com o rosto para o meio, que tem nosso senhor morto. Que minha mãe dizia que ele tava no calvário, que morreu crucificado pra pagar nossos pecados[...]. Aí bota ele deitado em cima da mesa coberto com pano roxo ou preto” (JUDITE, 82 anos).

Para essa comunidade a cor roxa e preta simboliza o momento de luto e tristeza por se tratar do sofrimento e condenação de Jesus Cristo até a crucificação (JUDITE, 82 anos). A figura 8 mostra como era preparado o altar para realização do ato religioso.



Figura 8-Organização das imagens representadas por "Santos"
Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

No período da Semana Santa, os moradores destacaram três dias que são considerados os principais, a quarta-feira, a quinta-feira e a sexta-feira. Na quarta-feira considerada “quarta-feira maior” pela manhã ocorre os ofícios das almas¹⁴ e à tarde os fiéis levam a imagem de Jesus Cristo, filho de Maria, para outra localidade em forma de procissão.

¹⁴É uma oração de ajuda às almas que visa salvá-las e levá-las ao caminho da luz e à vida eterna.

Ao observar o desenvolvimento do povoado em relação a devoção nesses três dias é possível notar como a finalização do processo quaresmal é intensificada em relação as “rezas”. Pois eles acreditam na volta de Jesus Cristo, assim clamam com mais fé.

Na quinta-feira, conhecida como “quinta-feira maior”, pela manhã ocorre os ofícios das almas e a tarde a procissão que simboliza a procura de Maria pelo seu filho Jesus. A figura 9 a seguir mostra como são feitas as arrumações dos santos para a procissão. “As mulheres saíam rezando com a imagem da santa, cantando os hinos por um lugar. E os homens com a imagem do santo também cantando os hinos por outro, para se encontrarem de frente. As músicas das mulheres tinham que ser as mesmas que as dos homens” (MARIETA, 81 anos).



Figura 9- Ornamentação dos andores¹⁵ para seguir em procissão.
Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

Na sexta-feira, considerada a “sexta-feira da paixão”, pela manhã ocorrem os ofícios das almas e a tarde via sacra, a mesma que era realizada no domingo. A noite da “sexta-feira da paixão” era considerada diferente das demais. Por que os devotos rezavam até meia noite, e aos poucos iam descobrindo a imagem de Jesus. De acordo com os relatos, o objetivo era de simbolizar a ressurreição do filho de Deus. Esse é o dia em que o lençol roxo é retirado e a imagem do santo é colocada na posição considerada correta (em pé), finalizando ciclo quaresma. A Figura 10 representa o momento em que o santo é colocado na posição em pé.

¹⁵ Local que é transportado a imagem central da festa.



Figura 10 - Ressurreição de Jesus Cristo
 Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

Para dona Marieta (81 anos), esse momento era considerado de muita alegria, pois Jesus tinha ressuscitado. Esse momento é considerado o tempo para pedir perdão e conciliação, o qual devemos retirar de nossos corações rancor, ódio e inveja. Aprendemos a conhecer e apreciar os passos de Jesus na trajetória árdua. Assim tomamos também nossa cruz para alcançar a glória eterna (MARIETA, 81 anos).

3.2.2.2 - Festa de São José

A festa de São José¹⁶ é comemorada no dia 19 de março no povoado Limoeiro a muito tempo. A comemoração é realizada apenas em um dia. Na manhã desse mesmo dia começa a cerimônia com rezas e cantos católicos. No período da tarde, o grupo de pífanos (era constituído por um zabumbeiro, uma caixa e duas gaitas) animavam com músicas instrumentais. As famílias acreditavam que através de São José, poderiam alcançar a bênção de uma vida digna. A Figura 11 mostra a arrumação do santuário em comemoração à festa de São José. “São José pede a Deus para mandar chuva para moia nossa plantação. É na festa de São José que plantamos nosso mio, feijão para comer na fogueira no dia do senhor São João” (MARIAZINHA, 86 anos).

¹⁶ José foi um carpinteiro, segundo o Novo Testamento, o esposo da Virgem Maria e o pai adotivo de Jesus.



Figura 11- Festejo em comemoração a São José
 Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

Nesse pensamento os moradores utilizavam a festividade de São José com dois propósitos o primeiro para adoração e agradecimento ao santo e o segundo para utilizar como uma espécie de calendário e fazer o desenvolvimento de sua plantação, cujo prazo para colheita seria exatamente no mês da comemoração do São João (MARIAZINHA, 86 anos).

3.2.3 - Escolarização

Segundo relatos de Mariazinha (86 anos), a senhora Nanã¹⁷ dedicava maior parte do tempo alfabetizando os jovens dessa comunidade, dentro de sua própria residência. Local que ela transformava em sala de aula. “Mamãe forçava nós estudar com madrinha Nanã, por que elas eram comadres e todo dia madrinha ficava perguntando por que não colocava nós pra ela ensinar” (MARIAZINHA, 86 anos).

Alguns alunos apresentavam parentesco com senhora Nanã, eram filhos de comadres, sobrinhos e pessoas de classe baixa de povoados vizinhos. Esses adolescentes ajudavam seus pais nas plantações em horários contrários aos das aulas.

Quando foi indagada, onde ela tinha conseguido aprender para que pudesse ensinar. A entrevistada não soube responder com mais detalhes.

Muitas pessoas do povoado não tiveram a oportunidade de estudar, pelo fato dos familiares distribuírem as tarefas na família, tais como cuidar do irmão mais novo, ajudar

¹⁷Filha de família humilde de classe média baixa, que morava na comunidade.

na renda familiar, preparar e organizar a casa e muitas das vezes os pais não deixavam ir a “casa de ensino”.

Como nosso objetivo era saber como faziam para aprender a ler, já que o povoado não contemplava escola, foram realizadas perguntas como: a) Seus pais deixavam estudar? b) onde estudavam? c) quem estudava? d) quem era a professor? e) Onde ocorreu a formação da professora? E “[...] madinha pegou um quartinho da casa dela e colocou uns bancos para nois senta e estudar vinha gente de muito lugar: Cercado e tabua” (MARIAZINHA, 86 anos).

“[...] saia de casa pra ir pra escola e no meio do caminho, ia brincara com os zamigos [...]” (JOAOZINHO, 78 anos).

Nesse sentido as dificuldades de acesso à educação eram significativas na comunidade. Sendo assim, a professora sentiu a necessidade de alfabetizar os jovens da comunidade, pois ela acreditava que era através da educação que acontecia o desenvolvimento do cidadão.

Ainda quando perguntei como faziam para estudar? O entrevistado relatou que o mesmo estudava com a senhora Nanã. E que ela cobrava 10 “tonhi¹⁸” de cada aluno estudasse na casa dela, mas nem todos pagavam por causa das condições. Dessa forma, destacamos que muitos moradores daquela comunidade não estudavam e “[...] quem fosse para escola tinha que pagar por mês[...]”.

“[...] o finado meu pai pagava era 2 mi reis que ele pagava era eu e José meu irmão ia para escola[...]” (ZETA, 100 anos)

“[...]era algumas pessoas que estudava por que, tinha a outra professora que dizer que aquele povo que precisava e não podia” (JUDITE, 82 anos).

Diante dessas situações é notório o interesse da professora em ensinar na sua comunidade. O interesse por parte dos alunos que em grande parte saíam de casa dizendo ir estudar e muitas das vezes não a chegavam a nem a seu destino por serem distraído no percurso até a escola ou até mesmo por dizerem que não tinham vocação.

Nessa perspectiva é importante refletir acerca das condições do desenvolvimento escolar dessa época em nosso país. No que se reflete ao desenvolvimento estudantil das crianças e adolescentes. Essas crianças não tinham condições dignas de estudo como estrutura física/falta de escola, material escolar, pessoas qualificas e políticas públicas voltada para essa classe.

¹⁸ Espécie de dinheiro da localidade, com formato de moedas pequenas.

Vale ressaltar que as condições financeiras das famílias desses jovens eram precárias. Assim, além de estudar também tinham que trabalhar com pais, para melhorar na renda familiar. A história do Brasil mostra que a educação para a população negra foi negada por muitos anos, seja durante a escravidão, seja após a escravidão, quando ainda se tinha leis que proibiam as crianças negras de frequentar as escolas.

3.3 - Povoado Limoeiro nos dias Atuais

Neste tópico, destacaremos as atuais moradias, as religiões e a escolarização presente no povoado Limoeiro, Campo do Brito/SE.

3.3.1 - Moradia

Em uma sociedade que existe vários tipos de perfis socioeconômicos e distribuições de renda extremamente desiguais como a brasileira, não se deve padronizar as necessidades de moradias para todos os extratos de renda (BRASIL, 2008b). Dessa forma, as moradias são reflexos das condições financeiras dos moradores de cada localidade.

É importante pensar sobre as distribuições de renda que são realizadas de forma desiguais e refletir sobre o desenvolvimento da construção de suas moradias, principalmente nas localidades do povoado Limoeiro, em Campo do Brito- SE (FONSECA, 1989).

A vivência e observação do autor no povoado supracitado, por se tratar da localidade que seus avôs ainda permanecem e seus pais terem residido durante muito tempo. É possível destacar a evolução das construções civis mostradas através de registros fotográficos tirados no ano de 1964 comparadas com as fotografias dos dias atuais.

Nesse sentido, tudo que foi dito até aqui está delimitado na construção das residências promovida por meio da autoconstrução não assistida, com o intuito de perceber como as famílias possibilitam a autopromoção das moradias, nos casos de total desassistência, tanto por parte do Estado como por parte de técnicos (BRASIL, 2008b).

Nessa perspectiva, as moradias do povoado Limoeiro apresentam estruturas de acordo com a renda financeira do indivíduo. A qual não tinha preocupação com um projeto técnico da construção. Percebemos que, nesse povoado as pessoas trabalham na agricultura, porém para algumas pessoas da localidade essa prática não tem muito valor agregado.

Com base nas observações realizada pelo o autor, os pedreiros geralmente eram considerados os engenheiros que executavam as construções das residências. Com auxílio de vizinhos, parentes e amigos realizavam um mutirão para a construção ser mais rápida. Assim, para contribuir com a ajuda adquirida da comunidade, os proprietários planejam retribuir em forma de refeição como feijoada, pirão ou churrasco, no qual todos os envolvidos ao final de cada atividade pudessem voltar às suas casas satisfeitas.

As moradias são constituídas por dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Esse último cômodo apresentava uma estrutura mais organizada e higiênica, no qual possuía uma fossa séptica¹⁹ na parte exterior da casa. A figura 12 ilustra o modelo de moradia do povoado.



Figura 12 – Modelo de moradia construída no povoado
Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

Dessa forma é importante ressaltar que a iluminação e o abastecimento de água são públicos. Todos os cômodos da casa são beneficiados, inclusive a parte exterior. Todas as residências apresentam iluminação pública principalmente às que apresentam do seu lado casas de farinhas²⁰. Já que através da agricultura produziam o principal elemento da farinha que é mandioca (FONSECA, 1989).

A água é fornecida para toda a população através de poços artesianos escavados pelo órgão público competente. No qual realiza o tratamento e a instalação de toda tubulação até as casas, nenhum custo é cobrado diretamente. Não existe tratamento de esgoto as águas descartadas são encanadas pelos próprios moradores para serem reaproveitadas nas lavouras ou descarta na frente das casas. A figura 13 do lado esquerdo mostra de onde vem a água que abastece o povoado e do lado direito, onde é realizado o descarte da água suja.

¹⁹ É uma unidade de tratamento primário de esgoto doméstico nas quais são feitas a separação e a transformação físico-química da matéria sólida contida no esgoto.

²⁰ Local que é fabricado farinha de forma artesanal.



Figura 13 – Abastecimento e descarte
Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

Nesse sentido é evidente o avanço na tecnologia de construção das casas do povoado Limoeiro, como mostrado nas imagens antigas e atuais. A construção era realizada com argila e madeira retirada de mata próxima da residência. Quando comparado com as moradias da atualidade percebemos que as estruturas das casas apresentavam um melhor segurança e conforto para os moradores. Suas estruturas não seguem um padrão ficando a critério do morador.

3.3.2- Religião

A religião que predomina na comunidade do povoado Limoeiro é o Catolicismo, ou seja, pertencentes a Igreja Católica Apostólica Romana. Além disso, destacamos outra religião que é a Evangélica.

No ano de 1999 chegou à comunidade do povoado Limoeiro a imagem de Santa Luzia. Por não apresentar uma igreja matriz na comunidade, a imagem da santa ficava conservada na Escola Municipal Josefa Andrade (EMJA), para as devidas devoções dos fiéis. Esse local era adaptado para as festividades que duravam nove noites, conhecida como novena, que antecedia o dia 13 de dezembro que era a festa principal, com realização de procissão seguida de missa. A Figura 14 a seguir mostra como é realizada adaptação e arrumação do local dos festejos.



Figura 14: Arrumação e adaptação da escola
Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

A construção da capela de Santa Luzia na parte do terreno localizado no centro do povoado a qual foi doada pelo proprietário. Iniciaram e terminaram no ano de 2000, assim as comemorações em devoção a padroeira passam a ser realizada na mesma. Essa construção foi realizada através de doações de materiais de construções feitas pelos moradores do povoado Limoeiro, pelas comunidades vizinhas e comerciantes da cidade.

No ano de 2017 essa capela passou por uma reforma, com a ajuda financeira da população local e povoados vizinhos através de realização de eventos beneficentes. A figura 15 mostra como a capela se encontra.



Figura 15 – Igreja na atualidade
Fonte: Autoria Própria, 11 de agosto de 2018.

No dia da construção da igreja foi realizado um mutirão, no qual boa parte da comunidade contribuiu com mão de obra, quanto nos preparativos das refeições para as pessoas envolvidas.

Nesse sentido, o povoado Limoeiro passou a ter dois períodos de comemorações festivas religiosas. A primeira permaneceu a Quaresma, realizada no período de março-abril, que é realizada desde muito tempo e permanecendo o mesmo cerimonial do evento até os dias atuais. A Figura 16 mostra como é realizada a arrumação do altar.



Figura 16: Arrumação do altar
Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

A segunda, são as festividades de Santa Luzia no mês de dezembro, sendo que novenário se inicia dia cinco todas as noites a partir das 19h é realizado a novena até o dia 12, no dia 13 de dezembro são finalizadas as festividades com a procissão que percorre todas as ruas principais do povoado. A figura 17 abaixo representa a procissão o último dia da festa de Santa Luzia.



Figura 17: Realização da procissão
Fonte: Autoria própria, 13 de dezembro de 2017.

Outra religião que está se destacando no povoado é a religião evangélica da igreja Congregação Cristã do Brasil, para qual estão construindo uma matriz nessa localidade

por apresentar um número crescente de famílias procurando essa religião. Essa religião foi implementada no ano de 2010. Através de minhas observações o culto religioso é realizado na casa de um integrante evangélico. Para isso, é necessário adaptar a sala de sua casa para o recebimento dos visitantes para adoração.

A Igreja foi uma iniciativa de um pastor que morava na cidade Campo do Brito-SE, que sentiu a necessidade de construir uma filial no povoado já que aos poucos o quantitativo de fieis iam aumentando. A Figura 18 mostra a construção da igreja evangélica.



Figura 18: Construção da igreja evangélica
Fonte: Autoria própria, 06 de setembro de 2018.

Nessa perspectiva mesmo com mais de um tipo de religião no povoado é possível notar que a religião católica tem uma relevância no povoado por apresentar característica cultural local no qual algumas delas são destacadas pelas as crenças e devoção nos Santos padroeiros.

3.3.3- Escolarização

A construção da escola foi financiada e iniciada no de 1985 e no mesmo ano foi concluída, com recursos do convênio SEC/MEC/EDURURAL e Prefeitura Municipal de Campo do Brito, em parcerias com o governo do estado de Sergipe.

A unidade de Ensino foi denominada de Escola Municipal “Josefa Andrade”, através da Lei Municipal nº175 de 31 de maio de 1985. A escola foi autorizada a funcionar com as primeiras séries do Ensino do 1º grau através da resolução nº 386/92/CEE de 26 de novembro de 1992. E a educação pré-escolar, através da resolução nº 480/92/CEE 22 de dezembro de 1992. A prorrogação da autorização para

funcionamento do Ensino Fundamental até 5º ano deu-se através a resolução nº120/07/CEE, de 24 de maio de 2007. A resolução da autorização para o funcionamento da Educação infantil foi concedida pela resolução nº 183/01/CEE de 01 de novembro de 2011.

A escola de Ensino fundamental, entendida como agência de cultura, como ambiente de convivência social e com espaço de produção e socialização do saber, tinha ensino ministrado como base em alguns princípios:

- a) Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- b) Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura, o pensamento a arte e o saber.

De todos os princípios contidos na base educacional os dois citados acima apresentam um direcionamento que encaixa perfeitamente no desenvolvimento do ensino do povoado Limoeiro.

No ano de 2007, a EMJA passou pela primeira reforma, com o intuito de melhorar a infraestrutura da escola. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da EMJA, a estrutura física da unidade é composta por uma secretaria, uma cantina, uma dispensa, um pátio, uma sala de informática, uma sala de leitura, duas salas de aulas e cinco banheiros divididos em masculino, feminino e para deficientes.

Das salas citadas a única que não funciona é a sala de informática, por não apresentar um profissional qualificado para dá suporte a escola. A maioria dos professores não conseguem adaptar as suas aulas para utilizar o laboratório, por que não tem qualificação e não apresentam interesse em apreender a manusear o maquinário.

O Quadro de funcionários é composto por quatro professores, uma merendeira, um auxiliar de serviços gerais, um(a) secretário (a) e não tem porteiro. Geralmente todos os funcionários da escola, fazem o papel de porteiro, para ter o controle do que entra e o que sai.

No ano de 2018 a EMJA, passa por uma reforma na sua estrutura física, sua última revisão foi a um pouco mais de dez anos. A figura 19 mostra como se encontra a escola.



Figura 19 – Única escola do povoado
Fonte: Autoria própria, 11 de agosto de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto concluímos que a origem do povoado Limoeiro, se deu através de três pessoas negras que apresentam parentesco consanguíneos com o autor da pesquisa. Essas pessoas foram trazidas, possivelmente entre 1900 e 1950, por uma família de pessoas brancas que moravam no povoado Gameleira. Faziam suas plantações no povoado Limoeiro, nesse sentido tiveram a necessidade de trazer essas pessoas para trabalhar.

Desse modo inferimos que a povoação dessa localidade se deu pelo fato desses trabalhadores precisem construir suas casas próximos ao seu trabalho.

As moradias apresentaram um avanço tecnológico em suas construções, mesmo sendo seu planejamento realizado pelos próprios pedreiros. Apresentavam uma preocupação no reforço da estrutura. Nesse pensamento as moradias agora apresentam um modelo e tinham o seu banheiro dentro da própria residência.

A primeira escola foi criada no de 1985, com intuito de alfabetizar as crianças e o jovens da localidade. A mesma no ano de 2007, obteve seu Plano Político Pedagógico pela primeira vez.

Dessa forma concluímos que as moradias e a religião são os principais aspectos culturais que caracterizam a comunidade Limoeiro, no sentido que as moradias eram construídas de forma artesanal, em mutirão e o material era produzido pelo próprio dono. Enquanto na religião possuía somente as doutrinas católicas e os rituais perduram até os dias atuais.

Desse modo, defendo, com base em Lopes (2015) que compreender a origem dessa comunidade, sua cultura e seu processo de introdução da primeira escola pode ajudar a entender melhor a identidade e história dessa comunidade e principalmente pode contribuir para um ensino de Ciências e Química. A partir do conhecimento dessa história e dessa realidade, pode-se realizar um ensino de Ciências e de Química mais contextualizado, com temas da história e cultura dessa localidade, por exemplo, a construção das casas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. 261p.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 Janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF.

BRASIL, Lei nº 11.645, de 10 Março de 2008. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRITO, M. C. L.; LOPES, E. T. A educação das relações étnico- raciais: perspectivas para a formação docente em Química. **Scientia Plena**, v. 10, n. 8, p.1-12, 2014.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Déficit Habitacional no Brasil 2006**. Brasília, DF, 2008. (b).

CANDAU, V. M. O/A Educador/a Como Agente Cultural. In: LOPES, A. R. C.; MACEDO, E. F.; ALVES, M. P. C. **Cultura e Política de Currículo**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FONSECA, A. **História de Campo do Brito**. Curitiba- Pr. Unificado, 1989.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª Ed. São Paulo. Atlas. 2016.

JESUS, M. B. L. B. **A Educação A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: olhares na Formação Docente em Ensino de Ciências/Química**. 2017. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: E. P. U. 2013.

MACEDO, E. F.; ALVES, M. P. C. **Cultura e Política de Currículo**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

APÊNDICES

ENTREVISTAS

- a) Quanto tempo reside nesse povoado?
- b) Já ouviu falar sobre quem foram as pessoas que povoaram?
- c) como vieram para esse povoado?
- d) Como faziam para estudar?
- e) Qual era a sua relação com a escola?
- f) Quem podia estudar nessa escola?
- g) Seus pais deixavam estudar?
- h) onde estudavam?
- i) Quem estudava?
- j) Quem era a professor?
- k) Onde ocorreu a formação da professora?

ENTREVISTA COM MARIAZINHA

-Então é assim a senhora vai dizer o que a senhora sabe mesmo

- Quanto tempo a senhora reside no povoado Limoeiro?

-Vó: Eu 86 anos

- A senhora já ouviu falar quem foram as primeiras pessoas que povoaram o limoeiro?

-Vó: as primeiras?

-foi o finado Benedito, o finado Luís os irmãos do finado Luís, o finado Domingos, o pai, o pai não o avô de comadre Zefinha, depois vem chegando o finado Pecilo, a finada Tiana, o finado Pedro Felix, o mais velho mesmo era o finado Benedito.

-Antes dele tinha mais algum a senhora sabe?

-Vó: para trás não, antes disso eu não tinha nascido ainda

- A senhora sabe quando vieram para cá para o Limoeiro?

-Vó: foi nascido e criado aqui no limoeiro

- E os pais dele a senhora sabe dizer como eram?

- Vó: eram africanos e depois do finado benedito era o finado Pedro Félix a finada Tiana e no meu alcance foi esses

- E quem eram essas pessoas, eram todos irmãos?

-Vó: não, era tudo daqui mesmo, o finado Pedro Feli morava com a finada Tiana, a finada Tiana teve filho dele que chama Zé de Tiana, só teve esse um mesmo que foi o Zé e adepois o finado Pedro Feli tinha mais mulher, teve o finado Messias, você conhece os filhos do finado Messias

- De onde?

-Vó: da Gameleira, Zé, o finado João tudo isso é filho do finado Pedro Feli, aí agora ele tem Madrinha Francisca que é filha dele também que já é filha de outra mulher sabe, tem Zé de frança

- Mas morava tudo aqui no Limoeiro?

-Vó; tudo depois foi que foi se espalhando, ele teve a finada Francisca, o finado Zé de Tiana, finado Messia, quem foi o outro... o finado Meliano você conheceu ainda o finado Meliano e ele tinha três mulher a de casal dele e três por fora a finada Tiana, a finada toba que agente apelidava ela por cobra kkk e tinha a finada França por fora, fora a mulher dele que chamava Margarida...era Margarida? ...não Margarida era do finado, desse que eu disse que era o mais velho daqui o finado Benedito e Margarida eram os mais velhos daqui.

-E assim em relação a educação como a senhora fazia para estudar?

-Vó: até meu fio, faz até vergonha eu dizer meu estudo, no tempo do meu estudo me levaram eu, eu estudava ali onde é a casa de Inácio hoje, era de uma madrinha minha a finada Mata, os outros tudo estudando, ele botou eu, uma besta e um sabido, a besta era eu e o sabido era Zé Matias, ai botou na hora do argumento botou eu mais ele , ai ele perguntou a Zé Matias que letra e essa, ai ele disse é um A, ai foi perguntar a eu, eu não sobe dizer, ai ela se recolha, ai eu me recolhi, ai ele também não tinha mais a quem responder, ai ele foi e me butou, me sentou num pau que tinha assim onde os meninos da escola sentavam, me butou assentada ai quando foi na hora de sair , saiu todo mundo e eu fiquei, me deixou lá, ai era os outros meninos da escola de Gameleira que a professora chamava Edima, ai era passando e mangando deu lá sentada, eu digo eu ensino, quando foi no outro dia ai eu fiquei, fiquei os meninos passando para casa deles mangando deu, ai quando os outros passou ela me soltou, ai eu fui embora para casa. Aí quando foi no outro dia a finada minha mãe disse: num vai para a escola não? Eu digo eu não, eu vou nada madrinha Nata me deixou presa eu vai me dá castigo, ai ela disse então vá panha uns feijão de corda lá na maiada, e maiada da finada minha mãe era ali onde é bijuca hoje, ai eu fui panha os feijão de corda, para eu ir panha os feijão de corda eu fui por outro lugar para não passar em frente a casa dela. Aí quando foi no outro dia ela viu minha mãe ai perguntou cumade Ótila porque Regina não foi para a escola ontem, ela disse e eu sei mulher eu mandei mas ela não quis ir, ai pronto desse dia mais eu não fui mais para a escola, ai deixei.

-É a senhora sabe dizer como era a construção da escola ?

-Vó: na casa dela mesmo

-E como era essa casa?

-Vó: era um vão assim que nem esse meu, era um vão agora aquela ensinava dentro da casa dela mesmo, era bem ali onde é a casa de Inácio hoje

-Ela morava ali no caso ai pegava...

-Vó: e pegava a casa e ensina o povo e a finada Edime, não sei se já morreu ou se ta viva, ela ensina ali onde é Joaozinho de Zefinha, sabe? Aquele vão de casa que tem ali, ela morava ali, ali mesmo ela ensinava, ai tinha uma menina daqui que ia lá atrás de Edime, o finado (não entendi) ia aprender lá, mas não chegava na escola kkkk se escondia no mato que tinha ali onde era de roque de pequeno ali na frente da maiada de Aristo tinha um mato desse lado assim, onde é dele hoje o finado (não entendi) se escondia ali e passava ate meio dia na hora de ir simhora kkk ai chegava e dizia, ele sabia ler um pouquinho mais não era assim, hoje para trás só acha aqui que siba uma leiturazinha mesmo é Israel, Ismael, quem já era já novo desse tempo nosso, desse tempo dos mais novo, você que inda hoje ta estudando você é o mais daqui ,você e o mais não tem um por aqui que saiba igual você, a turma é só madrinha mesmo.

-Quem era essa professora, ela estudou para ensinar, onde ela aprendeu?

-Vó: ela aprendeu com essa Edima mesmo, minha madrinha, agora

-Então vó e ai como foi?

-Vó: ai ela estudava junto com dona Edima, ai depois ela saiu e virou para professor

-Aonde elas estudavam?

-Vó: lá ne José de Zefinha estudava junto mais essa dona Edima né, que a dona Edima é de Aracaju não sei se ta viva mais, mais eu não sei mais que saiu uma deu prum canto e outra para outro, madrinha Mata fugiu logo com finado Geno.

-Vou fazer umas perguntas com relação as casas daqui, como eram feitas as construções daqui do Limoeiro?

- Vó: de taipa, quer dizer que fazia as casas quando acaba enchimentava ela toda, quando acaba passava a vara, nem de arame não era, era de cipó ia buscar cipó no mato para envara com as vara nos coisa, como é nos enchimento ai quando acaba fazia o barro e tapava a palha sem nada, tem muita casa aqui só tapada de barro.

- Onde era que pegava esse barro?

-Vó: perto das casas mesmo, no formigueiro não... eu mesmo tinha uma casa desse lado aqui, uma casa veia, não sei se você alcançou, que foi tirada barro ai mesmo, e tapou e entramo para dentro, esse povo...

-A casa tinha banheiro como era?

-Vó: tinha não, aqui fazia o serviço era no mato, aqui não tinha lugar dentro de casa, so se cagasse dentro de casa e panhasse kkk quem quisesse ia para o mato fazer serviço no mato não tinha banheiro de jeito nenhum.

- A questão da iluminação das casas como era feita, tinha iluminação ou não tinha?

_Vó: candinheiro

- E onde arrumava esses candeeiros?

-Vó: Comprava na rua, butava pavio, butava gás dentro ai passava a noite com candinheiro quando ia dormir apagava.

-Agora a questão da religião ne, como era a religião daqui, a questão da adoração, se era católica, evangélica?

-Vó: bom tinha terço, a religião era assim tinha terço, mas não tinha outra coisa só era terço.

-E onde era o terço?

-Vó: o terço que eu me arcanço era na casa da finada Luiza a mãe de cumade zefinha, aqui emcima, era ali onde é, ali perto da jaqueirinha de Israel que a casa era ali dentro, adepois a finada Luiza morreu ai saiu a devoção dela para a casa do finado Pecilo o filho, lá na Taboa, adepois o finado Pecilo morreu, ai vortou aqui para casa de cumade Zefinha, foi para casa de finada Orminia, da casa da finada Orminia, cumade Zefinha troxe para aqui pra casa dela, agora ela tá doente ninguém num sabe se vai ter devoção esse ano.

-A senhora sabe dizer como foi adquirido esse primeiro santo lá na casa dela?

-Vó: era comprado agora, essa devoção dela já foi do pai da finada Luiza, o pai dela agora esqueci do nome do pai dela, o finado domingo era marido dela, o pai da finada Luiza eu não conheci. Do finado Benedito pra cá eu sei, eu acho que o pai da finada Luiza era o finado Benedito... era o finado Benedito porque cumade Zefinha era bisavó.

-Então o terço era mais voltado para a época da quaresma?

-Vó: era

-Qual o objetivo de ter o terço? porque tinha, era porque queria, como era?

_Vó: pra fazer devoção, acostumaram de um para outro né, de pai pra fio, de fio pra neto foi assim, e assim ficou e o santo veio parar na casa de cumade Zefinha, um santo só né, você vê que tem mais santo porque butaro no oratório, mas era só o senhor da misericórdia, agora que tem São José, que robaram São José...

- Conte mais sobre isso...e de quem era São José?

- Vó: era daqui cumade Zefinha comprou, que foi até o finado, esqueci do nome dele agora, Santinho, que arrumou o São José que a devoção já estava na mão de cumade Zefinha, esse santo de são José que era Jesus, José e Maria numa garrafa quem vendeu a Orminia foi o finado Santinho, agora o finado Santinho morava ali onde é de João de Carminha hoje, o finado santinho morava era ali. O finado Santinho vendeu Jesus, José e Maria para a finada Orminia, chegou butou ai chegou aquele sobrinho de Zito, Mimi chegou ai e carregou o santo carregou o santo e andou e andou e nada desse santo chegar, ai foi uma pessoa e disserapaz va levar o santo da mulher, ai quando foi outro dia, não sei se foi o finado cumpade Zé Veio que trouxe, eu sei que ficou ai, continuou a reza dela, depois ela mandou fazer outro.

-Onde?

-Vó: Aí no Brito no finado Titi já morreu

-O santo era feito de que, de madeira ou de barro?

-Vó: de barro, era de barro, mas era do mesmo jeito que era o outro ele fez esse, eu ia mandar ele fazer Nossa Senhora Da Aparecida para mim, mas foi quando Ozanir trouxe de lá do padre Marcelo eu disse eu não vou mandar fazer mais não, ai não fiz.

- Como era o abastecimento de água, como fazia para lavar, para cozinhar

-Vó: de primeiro meu fio a água que nois lavava era nos tanque, bebia agua na fonte, não tinha agua não, adepois foi que encanaram agua aqui, para trás da encanação, tinha dias de faltar agua para nós aqui.

-A fonte sempre existiu, quando o povo veio morar aqui já tinha a fonte?

-Vó: Desde o meu arcançe

-O tanque também?

-Vó: o tanque também, mas o tanque já entupiram e a fonte ainda tá, foi quando entrou esse prefeito agora ele mandou cavar a fonte, agora agente bebe água encanada, a fonte serve para um bicho beber, serve para uma precisão, quando não tem água aqui vão buscar no túnel para colocar para os bichinhos beber, a fonte é veia, não é cavada de agora não, o dono dela, colocaram o nome da fonte de Antoninho foi quem cavou primeiro ela, quando eu nasci já tinha ela.

-Terminou.

ENTREVISTA COM JUDITE

Áudio 11:19

-Quanto tempo a senhora mora aqui no Limoeiro?

-Senhora: Eu moro do dia que eu nasci daqui não sei, eu tó com 82 anos vou fazer agora daqui não saí, vou fazer agora dia 3 de outubro kkk

-A senhora já ouviu falar quem foi as primeiras pessoas que vieram pra cá?

-Senhora: rapaz eu vi falar das primeiras pessoas que vieram pra cá foi nosso bisavô.

-Conte como foi?

-Senhora: disse, diz mãe né que ele foi pegar dentro do cachorro no mato nosso bisavô o pai do finado Domingo nosso bisavô, que finado Domingo é nosso avô.

- e como foi assim a senhora sabe contar mais?

- Senhora: Eu só lembro o que mãe disse, que o pai do finado Domingo foi pagado de dentro do cachorro no mato que era nosso bisavô, agora a mãe dele ela não disse.

-Como foi que vieram para o povoado aqui a senhora sabe dizer?

-Senhora: não sei ai mãe não falou a nois

-Como fazia para estudar?

-Senhora: rapaz eu acho que nesse tempo não estudava ninguém.

-Por quê?

-Senhora: não tinha ninguém né , veio estudar do finado Domingos pra cá que o povo veio estudar né, adepois do nosso avô, repare que do nosso bisavô pra lá se criou tudo sem estudo nossa mãe não teve estudo que não tinha nesse tempo.

-E a senhora?

-Senhora: eu tive, mas não aprendi né kkkk

-E onde era que tinha esse estudo.

-Senhora: nois estudava ali na casa da finada Nata

-Conte sobre essa Nata?

-Senhora: A finada Nata era quem ensina nois, na casa dela mesmo, nois estudemo ali agora eu não aprendi porque era burra mesmo né kkkkk.

-E todo mundo tinha acesso a esse estudo na casa de Nata ou eram só algumas pessoas?

-Senhora: Era só algumas pessoas que estudava porque não tinha outra professora, aqueles povo que não podia butava ai na casa da finada Nata.

-Tinha outro lugar aqui que ensinava?

-Senhora: tinha a mãe de, a finada (não entendi o nome) na Gameleira já mais agente não foi pra lá não fomo pra aí.

-Como essa Nata fez para aprender, ela estudou em algum lugar?

-Senhora: Ela estudou, ela tirou o estudo dela a finada Nata ai pegou a ensinar agente, tem muita gente que sabe escrever o nome, mas eu só ia brigar e brigão o que é que ver kkk panha ou bater.

-Como eram feitas as construções das casas de antigamente?

-Senhora: as casas de antigamente era de barro.

-Como era essa construção.

-Senhora: Butava barro, butava o teiado e varava de coisa, e varava de vara e nego entrava pra dento e a metade era de paia.

- De paia?

-Senhora: Sim a metade que não podia fazia de paia de coqueiro, fazia assim um quarto de barro e os outros de paia de coqueiro pra trás aqueles que podia mais fazia a casa toda de barro.

-O que era que tinha dentro de casa?

-Senhora: tinha quarto, cozinha esses negócio nunca teve dentro de casa, só tinha era negócio de sentar no chão, não tinha negócio de arrumação porque o povo era tudo fraco, que eu arcancei não tinha não.

-E o banheiro como era?

-Senhora: banheiro tomava banho no tanque, era.

- Para cozinhar, para lavar, para beber onde vocês pegavam água?

-Senhora: para beber era na fonte grande, lá em baixo, mãe bebia era da fonte dela, tinha uma fontinha lá em baixo, e não tinha o povo antigamente e para cozinhar era no fogão a lenha que não tinha gás não tinha nada, era tudo no mato quebrando lenha que nem boi, hoje não, é tudo bom.

-E para tomar banho?

-Senhora: tomava banho no tanque

-Por que essa diferença de tomar banho no tanque e tomar água da fonte?

-Senhora: por que não tinha água encanada, água encanada era quando Nosso Senhor colocava água na fonte, ai agente tomava banho no tanque e bebia da fonte.

-A questão da iluminação das casas como era feita?

-Senhora: era feita de candeeiro, começou de vela e passou para candeeiro.

-De onde vinham esses candeeiros as pessoas faziam ou iam comprar?

-Senhora: comprava no Brito, quem não tinha fazia de vrido, fazia e se alumiava, no tempo de mãe, diz mãe que se alumiava era com querosene, botava pano dentro de umas vazias tocava fogo e ficava ali.

- E a respeito da religião, tinha algum santo específico da localidade, como foi que le veio?

-Senhora: rapaz não tinha não, a religião de santo assim só tinha aqueles mais veio que os pai deixava, ai não tinha que nem a finada Luiza deixou pra finada minha mãe deixou o santo de devoção da casa dela.

-Como era feita essa questão da quaresma?

-Senhora: no tempo da finada Mae Iza para cá, foi que teve a Quaresma, ai finada mãe Iza deixou pra mãe.

-Quem era mãe Iza?

-Senhora: era nossa avó, deixou pra mãe e deixou pra finado Tio Percilio as imagens, Tio Percilio levou um pouco e mãe levou outro, mas mãe se acabou ficou pra cumade Zefinha ai tá lá.

-E como foi que mãe Iza encontrou essas imagens?

-Senhora: ela encontrou as imagens porque esse povo católico mandava fazer aquelas imagens para rezar na quaresma, quem mandou fazer foi a finada mãe Iza que pra trás não tinha ninguém quase nesse lugar nosso, parece que era 5 pessoas, não tinha ninguém, o pai de cumpade Domingo foi pegado no mato quer dizer que já deixou familia né, ai finado Domingo casou ficou um bocado de fio e agora empestiou o mundo todo.kkkk

-Margarida quem era?

-Senhora: era a avó de pai, a finada Margarida

- A senhora sabe contar mais alguma coisa sobre ela?

-Senhora: daí pra lá eu não sei mais nada não.

- Então a senhora só sabe de mãe Iza pra cá de Margarida a senhora não sabe né?

-Senhora: É eu só sei de Mãe Iza pra cá , a Margarida parece que era mãe do finado Domingo, quer dizer que foi pegada de dente de cachorro no mato, tinha tanto nome brabo que agente nem compreendia o nome eu tó dizendo o que mãe dizia

-E como era feita a adoração do santo São José?

-Senhora: eu peguei da finada minha mãe pra cá

-E antes disso não tinha?

-Senhora: Antes disso tinha da finada Luiza né.

-Conte de Luiza pra cá

-Senhora: A devoção a São José era feita na casa dela, não era na igreja não era na casa dela finada mãe Iza.

-Quanto tempo durava?

-Senhora: Ela passava sete semanas, como mãe passava sete semanas da quaresma.

MARIETA 81 ANOS

Áudio de 9:46

-Quanto tempo tem que reside no povoado?

-Senhora: tem 81 anos, eu nasci aqui no limoeiro, me criei casei e tive filhos, não tinha água encanada, não tinha negia, as casa eram tudo de barro , pra fazer farinha éra n a mão com o rodete rodando kkk e foi assim

- Como eram construídas essas casas?

- Senhora: de barro

-Como era o processo de construção?

-Senhora: de pau, ia tirar vara, jumento, cumieira, caibo tudo era de pau, agora ai quando fazia tudo botava as teias, pegava vara no mato, quando acaba fazia um bataião e ia cavar barro kkk oh pexete fazer o barro ia tapar, quando acabar nem rebocar, rebocava ficava só no barro passasse uma pessoa via as pessoa dentro de casa porque o barro ia descendo , via dentro de casa. Trabalhava fazendo roça, cavando cova, limpara arrancador tudo nois fazia eu né trabaideira, trabaiava de rodete ralando mandioca, cevando tudo nois fazia assim.

- Como vocês faziam para beber água, lavar roupa?

-Senhora: no tanque, buscar água era na fonte que tinha a fonte e o tanque, tapou a tanque e tem a fonte hoje que ninguém quer saber da fonte que tem água encanada.

-Tinha a fonte e o tanque e bebia água dos dois?

-Senhora: Não, da fonte era para lavar do tanque era para beber.

-Por quê?

-Senhora: porque não tinha outra.

-Mas porque vocês faziam essa divisão da fonte era para lavar e do tanque para beber?

-Senhora: porque no fonte era água de sabão kkk que tomava banho e lavava tudo no tanque e na fonte era só para beber, levava um pano e cuava a água e levava para casa pra beber.

-A senhora sabe dizer quem foram os primeiros moradores daqui do Limoeiro?

-Senhora: foi a finada minha mãe e a finada Davina as duas irmãs com os dois irmãos, foi quem reformou o Limoeiro de gente.

-A senhora sabe contar mais como foi que eles vieram?

-Senhora: eu não sei de onde pexete vieram kkkk que eu já nasci eu vou saber de onde vieram

-Eles não contavam como chegaram?

-Senhora: Daqui mesmo, porque os pais eram daqui mesmo, o finado meu pai o pai dele era no fundo da maiada, da finada minha mãe era na frente naonde hoje é a casa da sua avó Regina e foi afundado eles dois, duas irmãs com dois irmãos, foi o finado Tio Zé Rosa com Tia Davina, e o finado pai Bié com mãe Ormina ai afundou o Limoeiro todo de gente, ai foi chegando gente de fora que foi a famia do finado Li do Gero aquele que tinha uma casa que hoje é o terreno de Zé de madinha Flora ele morava ali e foi enchendo, esses moravam parece no Simão Dias a famia de Pedro Lorentino e a famia do finado Li do Gero.

-Nesse tempo como vocês faziam para estudar:

-Senhora: Naonde não tinha kkk não tinha não rapaz, eu mesmo no meu arcance teve uma folia de uma mobral, mas eu nem puder ir ia porque minha mãe ia trabaia e eu era quem criava os menino, era cada quem era um na frente e um atrás em fileira kkk e eu também não ia estudar minha cabeça era doida não dava para estudar, era um tijolo tijola, não tinha uma folia de um tijolo tijola ai eu não estudei não, eu mesmo não estudei nada nada,

gostei dos meu fio estudar, mas eu mesmo também a finada mãe ia butar com o que ia trabaiair na beira de inchada para dar de cumê a 12 fio ou era 13 podia? De jeito nenhum.

Como a professora aprendeu para depois ensinar?

- sei onde pêcha ela aprendeu. Lá pra bandas de gameleira.

-E a iluminação das casas de vocês antigamente como era feita?

-Senhora: candeeiro

-E de onde era que vinha esses candeeiros?

-Senhora: eu comprava na feira, ainda tenho um ali kkk

_ E essa feira era aonde?

- Senhora: No Brito, no São Domingos , na Macambira já tinha, já conheci tudo depois do meu arcance pra cá. Conhecia tudo, agora agente ia tudo de pé pro Brito, pra São Domingos, Pra Macambira tudo de pé kkk no nosso tempo foi um padecimento do estopó misericórdia, quando acaba esses povo ai ainda diz que é uma coisa, eu não posso nem me lembrar do que foi passado.

-Por quê?

-Senhora: porque?

- Pode contar.

-Senhora: São tudo rico e acha que ruim, e no meu tempo, rapaz eu mesmo da minha vez mesmo eu criei 6 fio foi no inferno pra não dizer outra coisa, porque o marido saiu pra ytrabaia e eu fiquei com 6 fio nas costa e não mandava nada pra eu nem uma carta não mandava, mas também com que ia manda kkk

- Com relação a religião, como era feita a adoração de vocês aos santos?

-Senhora: tudo feita, tudo assim nas 7 semana da quaresma agente rezava o terço mais a finada minha mãe, depois a minha mãe morreu ficou Zefinha, ela disse oi quando eu morrer quem não quiser ficar com a minha devoção bote meu santo lá em cima da minha cova, e quem quiser fique com o santo e faça a mesma devoção que eu fazia, ai Zefinha disse eu fico, fique satisfeita que eu fico com sua devoção ai ela ficou, quer dizer que

nois, eu ,cumade Maria só e as netas, era com a fia, a fia casou ficou as netas mais agora quando ela tá doente ninguém vai saber se vai ter né, ai agente vai ficar sem a devoção dela porque eu mesma não quero, cumade Maria pior já tamo tudo broca num sabe nem rezar kkkk

-A senhora sabe informar como foi que esses santos vieram parar aqui?

- Senhora: foi ela que fez um pedido.

Como esse pedido?

-Senhora: Comprou, sim um foi dela mesmo que no meu arcance, quando eu arcancei já tinha.

-Que santo era?

-Senhora: Jesus, José e Maria, depois tinha do irmão dela que morava na Taboa Tio Percilio que deu o santo a ela o senhor da misericórdia ai ela ficou com os dois o dela e o dele, eu não sei de onde eles vieram eu sei que parou na casa dela né o santo.